



VIAGEM A ANGOLA: DE QUANDO COMECEI “A FREQUENTAR O SUL”

Selma Alves Pantoja

Universidade de Brasília

selmaunb@gmail.com

Resumo

Trata-se de uma apresentação, na primeira pessoa, das três viagens ao sudoeste de Angola e de como nasceu a ideia de um projeto de pesquisa, os momentos de reconhecimento do terreno, do nascimento e formação da equipe e a fase inicial da pesquisa. Seguido de reflexões sobre o local escolhido, as duas cidades de Lubango e Moçamedes, os antecedentes de outros projetos acadêmicos para a região e os objetos de estudos em destaques. Finalmente, são indicados os encaminhamentos até agora da pesquisa, com seus temas centrais e o que se espera para elaboração de futuros trabalhos.

Palavras-chave: Espaço Urbano; Namibe; Huíla, Angola.

Abstract

This presentation narrates in the first person three trips to the southwest of Angola and how the idea of a research project was born. It describes the moments of recognition of the region, the process of building the team, and the initial phase of the research. It also includes reflections on the chosen cities of Lubango and Moçamedes, the background of other academic projects for the region, and the highlighted objects of studies. Finally, this presentation indicates the directions of the research so far with its central themes and what is expected for future works.

Keywords: Urban Society; Namibe; Huíla, Angola

A ideia de ir até o Sul, para quem como eu sempre estive por Luanda e seus arredores, foi daquelas boas surpresas e a partir daí passei a conviver com a tríade, mar, deserto e montanha! Pelas leituras dos textos do Ruy de Carvalho eu achava que sabia um pouco sobre a região, mas foi bem diferente quando tudo começou em uma das minhas viagens de trabalho a Luanda. Em dezembro de 2016, não resisti ao chamado da minha orientanda, bolsista de doutorado-sanduíche, brasileira, em viagem de pesquisa por todo o país durante cinco meses, finalizou seu roteiro de trabalho no sul de Angola e de lá fez o convite: que tal vir ao Namibe! Bom, às vezes, são os orientandos que fazem o movimento recíproco, de nos levar a lugares ainda inéditos. Naquele ano, a capital da Província, ainda se chamava, Namibe. O intrigante mistério de regresso ao nome colonial, só aconteceu um ano depois.¹ Foi dessa maneira que conheci a atual/antiga Moçamedes. Assim tive contato com a “metrópole de fronteira com hálito de sal da tarde”, como a chamou Ruy de Carvalho. Desde então passei a ir uma vez por ano ao sul de Angola, a última viagem foi em junho de 2018, que passo a relatar o que resultou no nosso projeto *Huíla e Namibe: espaços, memórias e a globalização*.

Esse texto não será exatamente notas de pesquisa e nem relato de viagem, acredito que esteja no meio do caminho, ficando mais próximo de primeiras impressões do que mais tarde veio a ser um projeto de pesquisa. O primeiro convite que recebi para visitar o sul de Angola foi feito pelo antropólogo Samuel Aço e em mais de uma vez ele reiterou a proposta, para que eu fosse conhecer o Centro de Estudos do Deserto², fundado e coordenado por ele até 2014, apesar de ser uma pessoa muito querida acabei por nunca poder aceitar o convite, tinha que estar sempre em Luanda. Mas com Samuel Aço mantive um convívio muito bom e sua figura ficou na memória dos belos passeios e almoço ao Jango no Dande em 2005 e depois na cidade de Muxima, em 2012. Samuel Aço nos deixou e eu não fui ao Centro de Estudos do Deserto. Contudo, outros colegas brasileiros,

¹ Até a época 1975 a cidade se chamava Moçamedes, nome colonial que faz referência a um fidalgo do norte de Portugal. A partir da independência foi nomeada de Namibe, igual ao nome da província. Hoje votou a se chamar Moçamedes.

² Ver www.ce-deserto.com/sobreCEDO.php

do Sul, UFSC, criaram parcerias com o Centro de Estudos do Deserto e desenvolveram um belo projeto, o *Kadila*, coordenado pela professora Ilka Boaventura Leite³.



Samuel Aço, Muxima, Angola, 2012 – (foto de Selma Pantoja)

Na primeira ida ao Namibe, 2016, conhecemos Namibe (Moçamedes), Tombwa, o Arco e o Vale dos Flamingos, com ar de surpresa e de turista, aos poucos fui entendendo a paisagem e sua diversidade, com isso uma ideia foi se assentando. A região é um local de férias e lazer dos angolanos, um turismo interno, de jeito que quando em minhas conversas cito Namibe, tem sempre um colega angolano lembrando que na infância, ou há algum tempo passou por lá com a família. Na minha primeira viagem, o acaso colaborou bastante, o alojamento nas cabanas na praia, o conhecimento da culinária do chef angolano Pedro Ludz Afsl, além da sua deliciosa comida é uma pessoa maravilhosa,

³ Ver o site do Projeto : kadila.net.br/culturasambientes/

esse encontro deu origem mais tarde, a ideia de incluir no projeto a culinária local, como elemento da pesquisa. No retorno à Luanda, nas conversas e com apoio, de Victor Kajibanga, na época, decano da Universidade Agostinho Neto, a pretensão de um estudo sobre a região foi tomando corpo.

Na segunda viagem, no ano de 2017, somente a partir dessa vez, já na mente, tomou forma o desejo de conhecer melhor, de pesquisar e de estudar, enfim de desenvolver um projeto. E dessa vez, andamos nas visitas oficiais, entre agendamento de conversas com o governador e os administradores locais, dessa maneira fomos apresentadas às pessoas responsáveis pelo dinamismo político local, os fazedores/executores de políticas públicas. Prometeram pronto apoio ao projeto e nós saímos confiantes, mas na terceira viagem constatamos que já eram outras as pessoas nos lugares de poder e com certeza nunca ouviram falar do tal projeto! Ficou para terceira viagem a nova rodada de conversas, no âmbito oficial e como foram necessárias! Entretanto, foi nessa segunda viagem que vi pela primeira vez, algo que já conhecia das fotos, álbuns de fotógrafos famosos, das reportagens da National Geographic, dos vídeos do Youtube, aquela presença já habitante do meu imaginário, principalmente a partir das leituras dos livros do Ruy de Carvalho: os Kuvales. Estavam no maior mercado da cidade, o 5 de abril, comprando tecidos, como nós. Lá estavam eles, três jovens de esbeltas figuras que pularam dos textos do Ruy e se colocaram diante de mim. Como já havia dito o seu maior tradutor: “É gente que facilmente reconhecerás pelo porte e pelo atavio” (Carvalho, 2015, p. 20).

Depois de uns dias, fomos ao distrito do Virei, a caminho paramos no mausoléu para saldarmos o Ruy e seguimos viagem, três horas pele deserto a dentro, passagem importante para termos a noção da relação litoral-deserto.



Mouseléu do Ruy de Carvalho, deserto do Virei, Namibe, Angola, 2017 – (Foto de Selma Pantoja)



Caminho do Virei, Namibe, Angola – 2017- (Foto de Selma Pantoja)

Logo que chegamos fomos muito bem recebidos pelo vice-administrador do Virei. Avistamos logo de saída, agora em maior quantidade, em grupos, os Kuvales, compravam óleo no mercadinho local, nos disseram. O sol inabalável pesava sobre as nossas cabeças estrangeiras, olhamos para as figuras escuras deles, há alguns metros, em panos coloridos, com lanças pendentes na frente do corpo sobre os tecidos, em contraste pleno com a excessiva luminosidade solar. As figuras negras pareciam compor o fundo da paisagem, cobertas de coloridos e como estavam ficaram, em completa indiferença a nossa presença. Fomos completar a visita oficial, seguimos para a sede do distrito do Virei. Em conversa, bem agradável, com o vice-administrador, ouvimos seus relatos sobre os Kuvales, das medidas que os agentes do estado têm feito hoje em relação aos povos do deserto, principalmente os Kuvales (Macubaus) que praticam a transumância e explicou também que fazia sete anos que não chovia na região. Um tempo decorrido em conversas, nos vendo esbaforidos pelo calor, nos disse o administrador, vamos sair daqui de dentro, vamos lá para fora, estará...disse em voz baixa, mais quente. Andamos um pouco pelos arredores do centro do distrito e enalorados, ouvimos contentes, o vice-administrador chamar, vamos almoçar! Mas o almoço foi mesmo refrescante, uma casa grande rodeada de varandas, de maneira que o centro da casa, local mais escuro, com uma grande mesa, onde almoçamos, fresquinha, logo depois retornamos para o transporte e fomos em direção ao litoral. No deserto, não tivemos a sorte de alguém nos dedicar um texto em formato de roteiro de viagem avisando das passadas a seguir, nós incautos navegantes! Chegamos a Moçamedes e como era julho, a temperatura de dia estava a 16 graus, que frio! Pois é!

Dessa segunda vez, fui outra vez a Tombwa, local de origem de Fatima Viegas acadêmica, política e autora de interessantes livros e artigos. Feita a apresentação, iniciamos a conversa com a administradora, fomos atualizados sobre a situação oficial, dos problemas e desafios da região, do crescimento da indústria pesqueira que tem alargado a chance de emprego local. A mais antiga atividade da região é a prática tradicional da secagem do peixe, para os que circulam pelas suas ruas, fica fácil de detectar esses afazeres, mesmo antes de descobrir os locais das secas, pelo “cheiro onipresente e

grato”, como buscou na memória Ruy de Carvalho trazendo sua infância de volta para os seus leitores.

A atividade mais institucional em Tombwa, vinda do período colonial, é a indústria de conserva e farinhas de peixe, que são hoje impulsionadas pelas atuais políticas do governo na intenção de dinamizar a região. Desde Luanda nos foi recomendado, não esquecer de experimentar a pasta de atum, reverenciado no imaginário de meus amigos luandenses. A administradora de Tombwa nos disse que, hoje com o crescimento da indústria eles voltaram a produzir atum e demais peixes em lata e vendem para mercados fora da região. Claro, depois da conversa oficial, fomos ao Shoprite, supermercado local, uma empresa sul-africana, na saída de Moçamedes e compramos latinhas de sardinhas, atum e outros originários de Tombwa. Nessa segunda visita ao Namibe, um pequeno detalhe chamou á minha atenção, as mulheres a ocupar cargos públicos, lugares estratégicos como administração provincial da cultura e a responsável da região de Tombwa, personagens muito ativas, com grande empenho nos assuntos em que são responsáveis. Coincidência ou não, dois anos depois uma mestranda, brasileira, que visitou Moçamedes no âmbito do projeto, escolherá esse tema como objeto da sua dissertação, nesse momento o trabalho está em fase final de elaboração.

A cidade de Tombwa, além das suas questões de pobreza, falta de recursos materiais, busca por melhorias de empregos, sua população vive outro drama, em outra dimensão, uma luta pela sua sobrevivência, a manutenção do seu espaço urbano que está sendo tomando pela invasão da areia, daí a barreira de grandes casuarinas plantadas a beira mar que cria uma espécie de fronteira para deter o invasor areal que o vento teima em depositar dentro da cidade. Outras iniciativas, na intenção de deter o avanço do areal estão presentes na cidade por conta da cooperação internacional com acordos e uso de tecnologias mais urgentes. Observei também, ter encontrado em Moçamedes e Tombwa maior quantidade de escolas, comparado com a cidade grande como Luanda, há quase uma em cada rua! Esta impressão depois pude confirmar com os dados do censo de 2014 que fornece os seguintes números, de 495.326 do total da população da Província, 315.656 são urbanas. Segundo a informação do mesmo Censo, na faixa etária de 5-11 anos, há uma população de 108,205, destas 72.580 frequentam escolas. Sem esquecer que a região tem

uma densidade populacional de 8,2 pessoas por quilômetro quadrado (INE, 2014, 2016; p. 31) é a região de menor densidade populacional do país!

Moçamedes até o final do período colonial manteve um crescimento populacional lento, com um contingente de cerca de 12 mil pessoas, no espaço urbano e periurbano. Seu crescimento se manterá em torno da Estrada de Ferro e da indústria de peixe e somente na década de 1980, acompanhando as outras cidades angolanas, passará por um crescimento acelerado. No pós-independência uma nova organização social do espaço, não mais conectadas às estratificações raciais, econômica e social colonialista, mas transitando para outras reconfigurações espacial e social, com áreas predominantemente misturadas, porém subordinadas ao novo reordenamento urbano com novas hierarquias, discriminações e segregações (Rodrigues, 2009; p. 37-38) O local recebeu contínuo fluxo de migrantes, vindos das estações onde o trem passa como por exemplo, da Huíla e Menongue. A cidade hoje tida como de grande circulação de gentes e essa mistura, visível pelas diferentes falas, quimbundo, kioko, nganguela e umbundo, este último considerado o mais falado atualmente (Correia & Ornelas, 2014; p. 28-23). Claro, a influência da cultura, história, entre passado e presente dos povos Kuvales estão profundamente enraizadas na cidade.

1. Lubango, Leba e Moçamedes

Depois de 2017, com maior conhecimento da província, a paisagem poética foi se agigantando nas nossas mentes, região tão marginal ao processo decisório do país, distante da cidade capital, Luanda, esta última já algumas vezes lembrada, no imaginário angolano, que 'mais parece um país'.

A terceira viagem ao Namibe, junho de 2018, incluiu o Lubango e acabou por ser a mais proveitosa viagem no sentido de desenhar um formato mais consolidado do Projeto e uma formação da equipe mais definitiva. Chegamos ao Lubango a noite, bem frio para uma carioca, e pernoitamos, para no dia seguinte, pela manhã, mais frio ainda, descermos a estrada da Leba em direção à Moçamedes. O trajeto da nossa primeira descida da Serra da Leba, às 6 da manhã, foi para todos nós, frente a vista da paisagem, um espetáculo deslumbrante. Passamos dois dias em Moçamedes, refazendo os contatos com os atuais ocupantes de cargos, já que não eram os mesmos da viagem do ano anterior! Tivemos

uma primeira reunião com a responsável provincial da cultura, fomos muito bem recebidos e a partir daí uma série de desdobramentos de contatos na cidade, assim, saímos a busca das pessoas e das instituições, da cidade. Contamos com a grande ajuda do orientando do nosso colega Helder Bahu do Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED/Huíla), o jovem Marcelino Pegivaldo Hamuiela já conhecido desde 2017, originário da cidade e professor do ensino básico, fez o possível e o impossível para nos atender e se tornou para nós imprescindível. Como nas estadias anteriores, era impossível não flunar pelas ruas amplas e sossegadas de Moçamedes, conversar com as gentes, sem preocupação de pesquisa ou fazendo parte da mesma sem sabermos. Depois de dois dias, subimos novamente a Serra da Leba, numa madrugada fria, no seu trajeto vimos o dia nascer, tiramos muitas fotos, e chegamos ao Lubango, com destino ao Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED), fomos participar da Conferência Internacional – *O Sudoeste angolano Valências e Saberes Endógenos*, organizado pelo colega Helder Bahu, onde cada um de nós fizemos uma comunicação. Foi realmente importante a experiência de participarmos dessa conferência, com a presença dos acadêmicos do ISCED/Lubango, as temáticas expostas para um público que sempre se manteve pleno e atento promovendo os debates, às vezes acalorado, que se seguiram às 13 comunicações do evento, em grande parte, apresentações de colegas da região. As comunicações tematizaram a relevância dos saberes locais, a integração dos povos como os *san* Hupa, os projetos em andamento em várias áreas do conhecimento, destaco aqui alguns casos: nas áreas da antropologia, arqueologia, biologia e nessa última, fiquei impressionada com as questões do uso de espécies endógenas na culinária e no processo de cura para diversas doenças pela população local. Foi uma excelente oportunidade no exercício de nos inteirarmos com os colegas ao Lubango e aprender sobre a região. Depois de dois dias de debates, em outra madrugada fria descemos a serra da Leba, lá fomos nós ao encontro de nossa pesquisa no Moçamedes.

Hoje da tênue proposta inicial de estudar a região veio í tona coletivamente, um Projeto de pesquisa, tendo como centro de estudos as duas cidades e seus arredores: Moçamedes e Lubango (Namibe e Huíla), mar, serra e deserto, paisagens mediadas pela, estonteante (literalmente) estrada da Leba. Toda essa região forma um conjunto intenso interligando paisagens e pessoas, entrelaçados pelo o manto de areias douradas, o mar

azulado e o tapete esverdeado da montanha. Nessa confluência de paisagens há um diálogo cultural intenso movido pela grande mobilidade das gentes que sobem e descem a serra, entram e saem no trânsito entre deserto e mar e desaguam nas cidades, fatores interconectados nessa aparentemente inóspita região. Sem burocracia, mas com espírito coletivo estimulante, vários colegas aderiram aquilo que se manteve como ideia de um projeto entre o mar, o deserto e a montanha. Desde então integram a equipe, acadêmicos com diversificadas formações e instituições, uma rede de instituição que congrega colegas de locais e países diferentes, outros pesquisadores participam como membros individuais no projeto e não representam suas universidades, significam isso, estarem sem protocolo de cooperação internacional envolvido, assim foram se somando a vontade de pesquisar e ir para o sudoeste angolano.

2. Estudando as urbes sulistas

Analisar essas urbes e seus arredores demanda um projeto temático coletivo uma visão holística, incluindo os aspectos históricos, culturais, políticos, sociais e ambientais dos locais estudados (GEHL, & SVARRE, 2018; p. 22). Em outras palavras, requisita múltiplos procedimentos, que são tomados neste projeto ainda de forma panorâmica, pois são aprofundados em cada subprojeto na medida que escolham formas mais particulares de ver as cidades, sua cultura e seus habitantes. Um grande esforço que demanda uma reflexão entre as cidades vivenciadas através das dinâmicas do dia-a-dia e as cidades imaginadas pelos urbanistas e pelos gestores públicos (SARLO, 2014; Introdução). Na relação entre interação e espaço público, não se pode perder de vista que urbanidades vindas de formação recente colonial, estão plenas das recomposições do espaço social com suas novas áreas de segregações (RODRIGUES, 2009; 42). A proposta do projeto de problematizar os limites conceituais emergentes a partir das teorias Sul, nas práticas urbanas em regiões africanas, faz parte das temáticas estudadas por esse recente viés, na intenção de sistematicamente examinar as formas e diversidade de abordagens na relação entre passado, memória e as construções de recentes narrativas sobre esse específico Sul (PANTOJA, 2019; 41; NOORLOOS & KLOOSTERBOER, 2018, P. 1224-1225).

Essas três viagens foram suficientes para aprendemos e mais ainda descobrimos muito, de uma Angola pouco representada na literatura nacional, que aparece nas margens dos

romances e contos, por longínquas memórias, por personagens secundários que um dia vieram de lá, ou passaram por suas estradas, apesar de grandes figuras da literatura angolana descenderam direta ou diretamente da população local.

Na busca do existente material escrito sobre a região, falo em especial sobre o Namibe, tanto na internet como em algumas bibliotecas, no circuito Luanda-Lisboa-Rio de Janeiro, os membros do projeto descobriram logo, a escassa produção sobre a região. A escrita de estudos do período colonial, abundante nos arquivos históricos, aguardam por leituras e releitura, uma revisão, um olhar mais contemporâneo, que confronte esse passado colonial com o presente do sudoeste angolano. Na Internet pode-se encontrar alguns sites com informações e material de caráter imagéticos, como fotos e diários, em tom nostálgico de grupos de pessoas que um dia lá viveram, guardam lembranças e publicam e mantém suas lembranças, no geral são antigos moradores portugueses que saíram no período da independência, ou mais tarde. Esse pode ser um caminho de pesquisa sim, mas nem todos estão interessados em trilhar essa estrada. Os textos colônias, produção de caráter histórico, antropológico e sociológico, sempre úteis, porém, há grande ausência de obras que ultrapassem os referências dos clássicos colonialistas. Ainda vale ressaltar que essas observações não devem ser integralmente lidas e enquadradas para a cidade do Lubango. No circuito Angola-Portugal-Brasil, são poucas as dissertações e teses produzida tendo como objeto o Namibe, enquanto em posição mais privilegiada encontra-se a cidade de Lubango, mais populosa e melhor no rank da representação nacional se comparada com Moçamedes.

Contrariando o cenário acima traçado, alguns livros e artigos acadêmicos recentes, de excelente qualidade, se dedicaram ao Namibe, contudo, descrevem, analisam a região como um todo, como por exemplo do Namibe ao Cunene, incluindo o deserto ou a ênfase está na paisagem, nos povos em geral, arquitetura, muito bons textos, mas como sempre as viagens, as paisagens sequestram a cidade.

Os projetos acadêmicos, principalmente de caráter internacional com o viés de cooperação internacional com universidades estrangeiras, aqui na região, estão pouco representados no cenário nacional, se comparamos com outras áreas. Os dois projetos acadêmicos que localizamos, de maior abrangência acadêmica (pesquisa, formação), sobre o Namibe, foi a partir do Centro de Estudo do Deserto, da época do Samuel Aço, já

mencionado e o projeto internacional, *Reconciliation and social conflict in the aftermath of largescale violence in Southern Africa: the cases of Angola and Namibia*, incluindo Angola, Namibia e Portugal com apoio da Fundação Volkswagen, Alemanha, 2006-12. Com certeza deve existir outros projetos, mas não conhecemos ainda.

Fico a dever, nesta pequena nota de pesquisa ou de viagem, o perfil da cidade de Lubango, que com certeza será desenhado por pesquisador mais capacitado do que eu.

Referências Bibliográficas

CARVALHO, Ruy Duarte de. *Vou lá visitar pastores*. Lisboa; Edições Cotovia, 2015 (1999).

INE – Instituto Nacional de Estatística, *CENSO 2014 – Resultados Definitivos*. Recenseamento Geral da População e da Habitação de Angola. Luanda; 2016.

GEHL, Jan & SVARRE, Birgitte. *A vida na cidade: como estudar*. São Paulo: Perspectiva, 2018.

Domingos, Nuno & PERALTA, Elsa. Introdução. A Cidade e o Colonial. In: *Cidade e Império*. Dinâmicas coloniais e reconfigurações pós-coloniais (Orgs). Lisboa: Edições 70, 2013.

SARLO, Beatriz. *A cidade vista*. Mercadorias e cultura urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

RODRIGUES, Cristina Udelsman. Angolan Cities: urban (re) segregation? In: *African Cities. Competing Claims on Urban Spaces*. Leiden, The Netherlands: BRILL, 2009.

NOORLOOS, Femke van & KLOOSTERBOER, Marjan. African's new cities: The contested future of urbanization. *UrbanStudies*, 2018, vol. 55(6) 1223-1241.

PANTOJA, Selma. Cidades Africanas pelo avesso do espelho: Luanda, cotidiano, força e luta. In: PANTOJA Selma (Org.) *Em Leituras Cruzadas sobre Angola*. Saberes, Culturas e Políticas. São Paulo: Paco, 2019, cap. 2.

CORREIA, Migue A. & ORNELAS, Maria E. (Orgs.) *Namibe. Terra da Felicidade*. Luanda, Chá de Caxinde, 2014.

Selma Alves Pantoja: Professora de História da África e Desenvolvimento e Cooperação Internacional - Departamento de História Universidade de Brasília.

Como citar este artigo:

Pantoja, Selma Alves; Viagem a angola: de quando comecei “a frequentar o sul”. In REVISTA TRANSVERSOS. "Dossiê: REFLEXÕES SOBRE E DE ANGOLA - INSCREVENDO SABERES E PENSAMENTOS". N° 15, Abril, 2019, pp.374 - 386 Disponível em <<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/transversos/index>>. ISSN 2179-7528. DOI:10.12957/transversos.2019.41861